UM ERRO DE JUSTIÇA

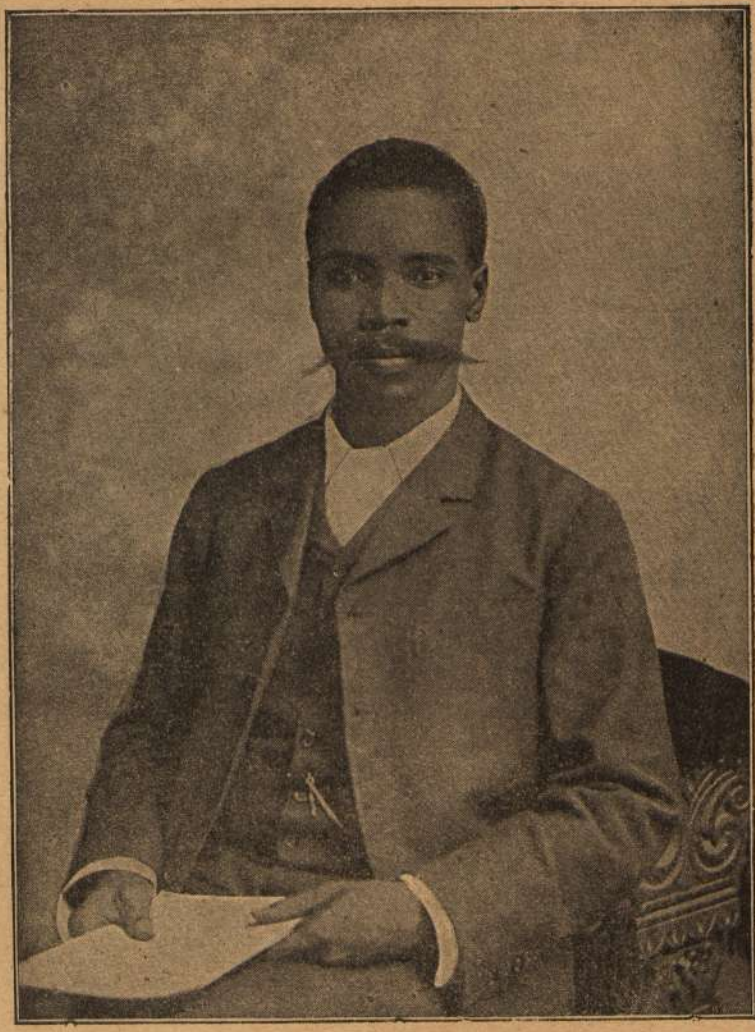
DE QUE TEM SIDO VICTIMA
ROBERTO NDEVU MASHABA, PRESO POR SUSPEITAS
EM LOURENÇO MARQUES E DESTERRADO
PARA CABO VERDE

APPELLO ÁS AUCTORIDADES

POR

Alfredo Henrique da Silva

PORTO
Typographia de José da Silva Mendonça
92, Rua do Almada, 96
—
1897



Roberto Ndevu Mashaba

UM ERRO DE JUSTIÇA

DE QUE TEM SIDO VICTIMA
ROBERTO NDEVU MASHABA, PRESO POR SUSPEITAS
EM LOURENÇO MARQUES E DESTERRADO
PARA CABO VERDE

APPELLO ÁS AUCTORIDADES

POR

Alfredo Henrique da Silva

PORTO
Typographia de José da Silva Mendonça
92, Rua do Almada, 96

1897

Mais vale deixar impune
o crime do que condemnar
a innocencia.

CONSELHEIRO BASTOS

As recentes victorias das armas portuguezas em Africa, que tiveram como remate a subjugação dos regulos Gungunhana, Zixaxa e Mahazul, foram para a patria um novo padrão de gloria, que me encheu de justa alegria.

Depois d'aquellas victorias, e relacionado com ellas, deu-se, porém, um facto que me entristece, por d'elle resultar, segundo abundantes motivos que tenho para crer, um erro de justiça, involuntario por certo, e que urge reparar, porque, felizmente, ainda se está em tempo.

Tendo visto nos jornaes d'hoje, (5 de agosto de 1897) que o deputado snr. Marianno de Carvalho interpellára hontem na camara dos deputados o snr. ministro da marinha sobre a situação dos presos implicados na revolta dos namarraes, acho opportuno trazer a publico a triste situação d'um supposto implicado na revolta dos landins e vatuas.

Chamar sobre este assumpto a attenção das auctoridades judiciaes é um dever que me impõe a minha consciencia. Poder esclarecer a justiça e não o fazer, afigura-se-me uma villania que nenhum homem de bem pode commetter, e muito especialmente quando, como no caso subjeito, se trata de defender um homem que, a julgar pelo que sei, é um innocente,

victima, ha perto de dois annos, d'um erro e d'uma atroz vingança.

Refiro-me a Roberto Ndevu Mashaba, preso por suspeitas em Lourenço Marques e deportado para Cabo Verde.

Se o proprio castigo do crime nos faz estremecer, quanto mais nos deve horrorizar a condemnação da innocencia!

Pedindo ao illustrado leitor para admittir a hypothese de que possa haver justiça no que peço licença para expôr, desde já appello para os seus sentimentos humanitarios para que preste toda a sua valiosa coadjuvação a esta causa, caso, como espero, tal hypothese fique demonstrada.

*
* *

Roberto Ndevu Mashaba pertence á gente tembe, dos arredores de Lourenço Marques, que se conservou fiel e leal ás auctoridades portuguezas. Ainda novo, foi, como muitos da sua gente, para o territorio inglez do Cabo, em procura de trabalho. Era pagão, não sabendo de outra religião que não fosse a de feitiços. Quando se achou entre gente preta como elle, mas christã e civilisada, ficou tão impressionado com o que viu e ouviu, que se converteu sinceramente á religião christã evangelica. Depois foi educado n'uma escola da egreja methodista wesleyana, chegando, finalmente, a circumstancias de poder obter qualquer emprego que lhe désse meios sufficientes para o seu sustento. Animado, porém, d'um sentimento de abnegação, resolveu-se, de seu moto proprio e sem dar parte a pessoa alguma, a regressar á sua terra afim de evangelisar os seus patricios. Não era estranho a esta resolução o gosto que tinha de que esses pagãos fossem convertidos e

civilisados por um portuguez, e não por estrangeiros.

Chegado a Lourenço Marques, querendo completar a sua instrucção com o estudo da lingua portugueza, matriculou-se na escola do padre Simões. A falta, porém, de recursos não lhe deixou concluir os seus estudos, obrigando-o a ir trabalhar para seu sustento.

Firme ainda no seu primitivo desejo, conseguiu, mesmo assim, depois de muita constancia e dedicação, e só á sua custa, estabelecer uma missão, composta de pretos das tribus limitrophes, que iam fixando a sua residencia nas proximidades do culto christão. Annexa, principiou logo uma escola, em que se ensinava a lingua portugueza.

Foi depois que a missão já tinha alguma importancia, que elle escreveu ás auctoridades ecclesiasticas da egreja a que pertencia para virem ver a sua obra e auxilial-a, se entendessem dever fazel-o. Com o auxilio que depois lhe deram, a sua missão tornou-se n'uma das mais importantes da Africa Oriental.

O proprio Zixaxa, em vista do grande numero de conversões e receioso de ficar sem a sua gente, convidou Roberto Mashaba a estabelecer no seu kraal uma missão com escola. Mashaba accedeu a este pedido, mas essa missão só durou tres mezes, porque os feiticeiros do Zixaxa, attribuindo á missão um fogo que houvera no kraal, obrigaram-n'o a retiral-a.

Tudo que Mashaba conseguiu foi á custa de grandes sacrificios e no meio de serias difficuldades. Os pretos, seus patricios, em geral não o podiam vêr; era para elles um renegado por ter acceitado a religião dos brancos, e tinham-n'o por um feiticeiro de mau caracter, a quem attribuiam toda a casta de ca-

lamidades que lhes sobrevinham. Os brancos, pelo que se viu mais tarde, olhavam-n'o desconfiados.

Quando, em 1894, rebentou a guerra, Mashaba, isolado na sua aldeia christã, de nada sabia. Tratou de se informar, e o seu regulo, que se conservou fiel, mandou-lhe dizer que tinha recebido ordem de se refugiar na cidade por causa da guerra. De harmonia com esta ordem, Mashaba e os christãos da sua egreja retiraram-se para as margens de Geube, onde construiram nova aldeia.

D'ahi a alguns dias vinham dizer-lhe que o Zixaxa queria fallar-lhe. Como não se lembrava de lhe ter feito mal algum, dirigiu-se ao seu kraal e viu que elle queria que lhe escrevesse uma carta aos inglezes, pedindo-lhes protecção. Mashaba negou-se terminantemente a fazer-lhe isto, o que o irritou muitissimo. Este facto, de que Mashaba pode apresentar duas testemunhas que o acompanharam ao kraal, é importantissimo para a sua defeza, como breve se verá.

Durante todo o tempo da guerra a posição de Mashaba tornou-se cada vez mais difficil, pelo grande numero de suspeitas que cahiam sobre elle, tanto da parte dos brancos como dos pretos. Elle era preto, logo devia ser amigo dos rebeldes, diziam os brancos; tinha sido educado no Cabo, logo devia ser emissario inglez; era protestante, logo a sua missão devia ter fins politicos! Por seu lado os pretos achavam que havia motivo para suspeita por Mashaba ter *religião de branco!*

Muitas pessoas, vendo o risco que corria, aconselharam-n'o a fugir, mas nunca o fez, porque, diz elle, a sua consciencia estava tranquilla.

Terminada a guerra pelo aprisionamento em Chaimite do Gungunhana e Zixaxa, pensava Mashaba que melhoraria de situação. Pura illusão!

Quando, no dia 6 de janeiro, os prisioneiros che-

garam ao posto de Lourenço Marques, foram pelo governador interrogados sobre quem os incitou a fazer guerra aos portuguezes. Chegada a vez de Zixaxa, principiou por dizer que não tinha sido ninguem; depois, tendo levado algumas varadas, e nomeando-lhe o arguente varios nomes de pessoas de quem as auctoridades desconfiavam, só respondeu affirmativamente quando ouviu o nome de Roberto Mashaba!

No dia seguinte, dous policias vão prender Roberto Mashaba e trazem-n'o á presença do Governador, que o interroga no sentido da accusação de Zixaxa. Roberto Mashaba, mal podendo acreditar que o que se estava passando era realidade e não um sonho, protestou a sua innocencia, dizendo que a unica causa, com que podia atinar para motivar aquella falsa accusação de Zixaxa, era elle querer vingar-se por não lhe ter escripto a carta aos inglezes. Submettido a varios generos de tortura, persiste n'estas affirmações. Sem mais forma de processo, é mandado para bordo do *Africa* e desterrado para Cabo Verde, onde ainda se conserva, sem ter tido, até hoje, occasião de se defender!

Omittimos muitos pormenores, porque tencionamos juntar copias de dous memoriaes que o preso, sem resultado, enviou ao governador de Lourenço Marques, e onde narra tudo mais circumstanciadamente. O nosso fim é só dizer o que sabemos para que se faça justiça; não temos nem o mais leve intuito de censurar o procedimento das auctoridades. *Errare humanum est.*

*
* *

Se os indicios podem servir de provas, é quando se trata de defender a innocencia.

Peço agora licença para apresentar, o mais resu-

midamente que me seja possivel, algumas das mais importantes illações deduzidas de factos, que podem ser desconhecidos do leitor, e que me levam á convicção da innocencia de Roberto Mashaba.

Não será desacerto dizer, para justificar o procedimento de Mashaba, quanto ás suas ideias religiosas, que nas nossas colonias ha perfeita liberdade de cultos. Nem podia deixar de assim ser, visto como se téem de admittir fatalmente o fetichismo dos pretos nativos e o mahometismo de muitos que do norte d'Africa se dirigem para lá. Demais, admittindo-se, como se admittem, missões christãs, catholicas ou protestantes, dirigidas por estrangeiros, parece até que se devia auxiliar uma missão dirigida por um portuguez, sabendo-se, de mais a mais, que elle, abandonando o fetichismo, só queria introduzir o christianismo, que é, sem contradicção, o elemento mais civilisador e mais necessario em colonias como a de Moçambique.

*
* *

Durante o longo periodo de dezoito mezes que durou a guerra, nenhum dos mil olhares, que vigiavam Mashaba desconfiados, pôde achar a minima confirmação ás suspeitas de que elle era alvo. Todo o seu penar resulta, pois, da accusação, feita pelo Zixaxa, de que elle o tinha aconselhado a fazer a guerra.

Devo confessar que, a principio, aquella accusação mereceu-me algum credito, porque suppunha que ella teria sido confirmada por outros meios de prova, e, por isso, aguardava a decisão do tribunal.

E' principio de direito, que está no espirito da nossa lei penal, tanto civil como militar, presumir que todo o homem é innocente emquanto não é con-

vencido de crime por tribunal competente, e emquanto a decisão do tribunal não passa um julgado.

Porém, nem tal decisão ainda se pronunciou, nem houve para procedimento, segundo diz o preso, outros meios de prova além do depoimento do Zixaxa, contra o que muito claramente dispõe o nosso codigo civil, subsidiario, n'este ponto, do codigo militar, no art. 2512.°, e por onde se vê que *o depoimento d'uma unica testemunha, destituido de qualquer outra prova, não fará fé em juizo.*

Mais adeante o mesmo codigo civil (art. 2514.°) faz consistir a força provatoria dos depoimentos na *fé* que *merecem* as testemunhas pelo seu estado, vida e *costumes*, ou no *interesse* que podem ter no pleito.

E' evidente que Zixaxa, um velhaco intelligente e astuto, tinha interesse no pleito; malvado interesse, é certo, mas tinha-o. Accusando Mashaba, attenuava a propria culpa, e, o que é mais, vingava-se de elle não lhe ter escripto a carta aos inglezes.

*
* *

Tambem não sei que fé podia merecer a palavra do Zixaxa. A não ser para causar tanto soffrimento a este pobre homem, que julgo innocente, estou até em dizer que não inspirou confiança alguma, como me parece poder mostrar.

Em todas as obras que se publicaram sobre a campanha, já depois d'ella concluida e uma das quaes appareceu apenas ha alguns mezes, os seus auctores, quasi todos officiaes que tomaram parte nas operações e portanto insuspeitos, são concordes em affirmar o contrario do que disse o Zixaxa, sem se importarem com a sua declaração.

N'um d'esses livros, (1) diz o seu auctor a paginas 8 e 10:

«Por fallecimento de Mapunga succedeu-lhe seu filho Mahazul, rapaz impetuoso e aguerrido, que não quiz reconhecer a independencia do tio, o que deu origem a numerosos litigios decididos pelo chefe militar das Terras a favor de Mobêja.

«Mahazul não se conformou com semelhante decisão e enviou áquelle quatro dos seus grandes, ou indunas, annunciando-lhe que immediatamente levaria a guerra aos campos do tio.

«O coronel, ouvida a embaixada, deu ordem aos unicos cinco soldados pretos que tinha á sua disposição para prenderem os indunas.

«Estes, que eram acompanhados de setenta guerreiros landins, gritaram por soccorro. Travou-se a lucta de que resultou a fuga de dois indunas e o principio das hostilidades contra o nosso dominio...

«... Entretanto tratava Mahazul de reunir a sua gente de guerra e de concertar alliados entre outros regulos circumvizinhos, o que lhe não foi difficil perante o descontentamento produzido pela elevação do imposto de palhota de nove tostões a 1$350.»

E mais adeante:

«Mahazul conseguiu resolver o moço regulo do Zixaxa, Mamatibjana, a tomar o seu partido no movimento contra a nossa soberania.»

Do proprio relatorio de Mousinho de Albuquerque, tão contemporaneo da accusação do Zixaxa, que traz a data de 16 de Janeiro de 1896, se deprehende claramente a confirmação do que diz o auctor acima citado, e mais que a guerra era o resultado d'um concerto entre os regulos para aniquilar a nossa suzerania.

Sobre Mashaba, de todas as obras que pude obter e que li (umas cinco), incluindo mesmo o rela-

(1) *Delphim Santos Guerra. No paiz dos Vátuas. Lisboa, 1896.*

torio official de Mousinho de Albuquerque, nenhuma refere ao menos o seu nome. Se o preso tivesse tido na guerra a importancia que lhe querem dar, era caso para protestar contra tal ostracismo, em detrimento da historia!

*
* *

As auctoridades, a meu ver, se deram alguma acceitação ás palavras do Zixaxa, foi por taes palavras corroborarem aquella ideia fixa, que anda na mente de toda a gente, e que consiste em suppôr que todos os missionarios são emissarios dos estrangeiros. Que haja missões religiosas com fins politicos, posso admittir, mas que a sociedade missionaria methodista wesleyana, que subsidiava a obra de Mashaba, não é d'essas, é-me facil provar.

A egreja methodista, espalhada por todo o mundo, sendo a preponderante nos Estados Unidos e importante em muitos paizes, não está nem quer estar ligada a estado algum. De harmonia com este principio, segue, com a mais estricta observancia, uma perfeita neutralidade politica.

Os missionarios d'aquella sociedade, em paizes estrangeiros, são obrigados a seguir, ainda mais rigorosamente, o principio da neutralidade, e muito especialmente em tempo de sedição ou guerra. Cabe-lhes só o dever de prestar ás auctoridades constituidas quaesquer auxilios que se coadunem com o Evangelho, como, por exemplo, offerecer os templos para hospitaes de sangue, etc.

Roberto Mashaba recebeu logo no principio da guerra aviso official, do qual ha de talvez existir copia, relembrando-lhe este seu dever.

Podia apresentar documentos e narrar factos que provam á evidencia todas estas asserções. Não faço o

para não cançar o benevolo leitor. Bastará dizer que, se fôr preciso, me offereço para o fazer, seja onde fôr, certo de que convencerei ainda os mais obstinados.

*
* *

Com o proposito de me inteirar mais da verdade, tenho procurado alguns dos officiaes, que militaram na campanha d'Africa, para lhes perguntar se no meio das operações lhes constou alguma coisa a respeito de Roberto Mashaba. Tanto os que fizeram parte da columna do norte, como os da columna do sul, me responderam todos negativamente. Mais: que nunca ouviram fallar em semelhante individuo.

Dos missionarios suissos é que todos se lembravam bem. Não repetirei o que me disseram, porque é do dominio de todos o que se publicou na imprensa da metropole acêrca d'estes missionarios. Os soldados suppunham-n'os os almas damnadas do Gungunhana e chegou a correr que tinham fugido com o thesouro d'aquelle potentoso regulo! Pois, apezar de todas as suspeitas, e mesmo indicios de culpabilidade, que havia, averiguou-se mais tarde, depois de vir uma deputação suissa a Lisbôa, que nada tinham feito contra as leis. Agora, rehabilitados, lá estão no seu posto, gozando a liberdade.

Só Roberto Mashaba continua preso e soffrendo. E tudo isto, segundo entendo, pelo unico crime de... ser portuguez!

Um jornal estrangeiro que, depois das costumadas transcripções, poderá informar algumas dezenas de milhões de pessoas, noticiava tudo isto e fazia este commentario: «Quanto a Roberto Mashaba, como é portuguez, duvidamos que alguma coisa se venha a fazer.»

«Como é portuguez»...! Triste vergonha nossa!

Urge, sim, urge reparar esteerro, para que se saiba lá fóra que Portugal, se tem ainda a valentia de seus antepassados para repellir qualquer ultrage á sua integridade, quer no continente quer nas colonias, sabe tambem administrar a justiça, unica base para a prosperidade d'um povo.

Espero que o illustre titular da pasta da marinha e ultramar, sabendo dos factos, dê as providencias que o caso reclama.

*
* *

Vou terminar, pondo de parte muitas referencias á nossa legislação e outros apontamentos que tinha colligido, por suppôr que, para mostrar a injustiça de que tem sido victima Roberto Mashaba, basta o que deixo dito.

Ainda que mal, devido á minha incompetencia e á pressa com que redigi estas linhas, cumpri o meu dever. A justiça que cumpra o seu.

Porto, 5 de Agosto de 1897.

Memoriaes enviados por Roberto Ndevu Mashava ao governador de Lourenço Marques (1)

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Antes da minha partida de Lourenço Marques, eu desejava dirigir-me, por esta fórma, ao Ex.mo Administrador d'esse concelho, sobre a minha accusação, mas não pude fazel-o em consequencia da rapidez com que fui mandado embarcar, e depois que cheguei aqui, não tive occasião propria até hoje.

Offerecendo-se-me agora essa occasião, principio por rogar a V. Ex.ª que leia com benevolo cuidado para comprehender bem o sentido d'esta minha petição, visto que o meu pouco conhecimento da lingua portugueza me difficulta a expressão clara das minhas ideias.

Com toda a certeza V. Ex.ª desconhece qual tem sido o meu modo de vida entre a minha gente, e talvez os costumes d'esta. Eu, humilde subdito de V. Ex.ª, sou homem civilisado e religioso, e por conseguinte tenho introduzido entre a minha nação uma religião que lhe era estranha. Por este motivo sou mal visto de todos (menos dos que se téem convertido ao Christianismo), e muito especialmente dos regulos e dos chamados doutores, que são os conselheiros dos regulos na minha terra.

A mim chamam-me feiticeiro, e attribuem-me todos os males que acontecem n'aquella terra. A falta de chuva, o apparecimento da variola ou de gafanhotos e outros flagellos semelhantes, tudo, dizem elles, é causado por mim!

---

(1) Soffreram umas leves alterações pelo auctor e foram corrigidos apenas onde o sentido não estava claro. N'estes memoriaes, Mamatibjana é o mesmo que Zixaxa.

Cito estes factos para mostrar como é possivel que a minha gente me accuse falsamente, e por serem coisas que todos conhecem em Lourenço Marques, mas de que eu não fazia caso, sabendo que a minha terra era pagã, não tendo religião alguma, e que tambem não me podiam fazer mal. Se fosse em outro tempo, quando os regulos governavam, eu teria de fugir ou seria morto. Não dei, porém, importancia a isto tudo, certo de que agora nos dominava um governo christão e civilisado.

Quando se principiou a fallar em guerra, eu bem sabia que estaria em perigo, mas se tivesse sabido que as auctoridades em Lourenço Marques tambem me olhavam como inimigo, eu teria partido de Lourenço Marques muito antes do principio da guerra. Depois que ella principiou, fui aconselhado muitas vezes a fugir, mas como a minha consciencia não me accusava de ter commettido falta alguma para com o governo, não percebia o alcance d'esses conselhos. No proprio dia em que o Ex.mo Administrador me mandou chamar, recommendaram-me que fugisse; os policias, porém, acharam-me esperando por elles tranquillamente.

Eu tambem li o que o snr. Eduardo de Noronha diz no seu opusculo intitulado A REBELLIÃO DOS INDIGENAS EM LOURENÇO MARQUES, isto é, que eu andava sempre entre a cidade e Zixaxa etc., dando informações de tudo quanto se passava na cidade; mas esperava na fé de que, se as auctoridades acreditassem n'isto, teriam mandado interrogar-me, e que se teriam contentado com as minhas explicações. Assim, quando me mandaram chamar, eu julguei que era para este fim. Qual não foi, porém, a minha surpreza, quando o magistrado chega a casa do snr. Paulo Fernazini, para onde eu tinha sido conduzido pelos policias, e increpa aquelle snr. por me ter dado um assento, e me diz: Saude o branco! Obedecendo

a isto, passou elle a amaldiçoar-me e a injuriar-me muito, ameaçando-me com açoutes e acabando por me mandar fechar na cadeia. Muito longe estava isto do que eu tinha direito de esperar!

A minha morada fica exactamente no caminho que vae da cidade á terra do Zixaxa, a uma distancia de duas horas de marcha. Tendo sempre seguido este caminho em tempo de paz, continuei a usal-o durante a revolta, não sabendo que este facto me expunha a ser tratado como espião, como pretende o snr. Noronha no seu opusculo. Se eu fosse realmente um espião, nada mais facil para mim do que procurar outro caminho. Eu ia á cidade tão sómente para tratar da minha propria segurança, porque, em primeiro logar, nunca julguei que os pretos tivessem a intenção de declarar guerra ás auctoridades, visto que me tinham dito que se tratava apenas d'uma questão entre Mahazul e Mubêja. Em segundo logar, ouvi dizer que a disputa era entre o Zixaxa e o meu regulo, Nyguandonga (filho de Mubukuana), e que o Zixaxa se tinha colligado com Mahazul, e o meu regulo com Muvesha; e tambem que alguma da nossa gente tinha escapado com difficuldade das mãos de Zixaxa, que os queria matar.

N'este ponto fui ter com Dick, o induna do meu regulo, perguntando-lhe se tudo isto era verdade. Respondeu-me que sim. Ponderei-lhe então que seria melhor que elle mandasse um mensageiro a Zixaxa para lhe mostrar que o povo de Mubukuana não tinha intenção de o guerrear. Dick prometteu fazer isto. Poucos dias depois, constou-me que a guerra era agora entre o governo e os pretos, por lhes ter constado que o imposto das palhotas, para o anno de 1894, seria de meia libra por cada palhota.

No meio de noticias tão contraditorias, eu ia com frequencia á cidade, não para colher informações a favor de Mamatibjana, mas porque entendia que alli

me podia orientar melhor com relação á minha propria segurança. Um dia em que eu me achava lá, o snr. Antonio M. Silveira chamou-me a casa do snr. Governador. Indo lá, este perguntou-me se sabia alguma coisa ácerca do movimento. Eu respondi que nada sabia.

—Não ouviu dizer que os regulos se colligaram para guerrear o governo?

—Não sei dizer a certeza a V. Ex.ª, mas ouvi que o Zixaxa e o Mahazul effectivamente se uniram para isso. Dos outros regulos não tenho ouvido nada a este respeito.

—Porque é que elles se oppõem ao governo?

—É porque lhes disseram que o imposto das palhotas seria este anno elevado a meia libra por cada palhota.

—Quem lhes disse isso?

—Isso não sei.

—Os maputos tambem estão ligados com Zixaxa?

—Não sei, mas alguma gente de Zixaxa tem dito que viram na sua terra gente de Maputo.

Aqui findou a minha conversa com S. Ex.ª. Passados dias, ouvi dizer que a gente do Zixaxa tinha morto um soldado no acampamento de Anguane. No dia seguinte, pelas cinco horas da tarde, o meu chefe passou por minha casa para me dizer que tinha recebido ordens do commandante do acampamento de Anguane para se ausentar, por haver guerra no paiz, e que portanto ia para a cidade. Agradeci-lhe e disse-lhe que só no dia seguinte é que o podia fazer, por não estarem os meus visinhos ainda promptos para isso. De manhã, quando eu estava para partir, veio ter commigo um homem dizendo que vinha chamar-me por ordem de Mamatibjana (filho do Zixaxa). Perguntei-lhe o que era que o Mamatibjana queria de mim. Respondeu que não sabia, mas que julgava que

elle queria conversar commigo. Como não me lembrava de ter feito algum mal a Mamatibjana, segui o homem. Quando cheguei ao seu kraal, disse-me Mamatibjana: Chamei-o para me fazer um grande favor. Quero que me escreva uma carta aos inglezes, porque estou cançado dos portuguezes, e não os quero mais. Respondi-lhe: «Eu não tomo parte na politica, e, além disso, o paiz pertence aos portuguezes, e os inglezes nada sabem de vós, por isso que não tendes nome politico. Ainda quando os chefes se reunissem para me pedir este favor, eu não vol-o podia fazer, porque sei que os inglezes não vos podem receber, e mais, que não tendes força sufficiente para combater o governo. Se me tivesseis dito isto antes de principiardes a guerra, apesar de não me metter em politica, eu vos teria acompanhado ao nosso governo, e alli deverieis ter exposto toda a vossa queixa. Agora chamastes-me para curar um morto, o que não está nas minhas forças. Já matastes um soldado, coisa de que os brancos não gostam, e que é uma declaração de guerra.»

A isto replicou Mamatibjana: «Apesar de v. dizer que os inglezes não me podem receber, eu sei que hão de fazel-o, porque tenho gente que falla inglez e a quem hei de enviar para conferenciar com os inglezes. Eu só queria uma carta para poupar tempo. Estou certo de que, como me sublevei este anno, a minha gente não terá dinheiro para o imposto das palhotas.»

Não tendo mais a dizer-lhe, deixei-o, e logo que cheguei a minha casa, parti para Ka Tembe. Emquanto alli me achava, constou-me que Mamatibjana tinha fugido do seu paiz para Moraquini. Por esse tempo veiu um homem do Transvaal, cuja familia tinha fugido com Mamatibjana, dizendo que queria ir buscal-a. Por mão d'este mandei uma carta a Mamatibjana em que lhe dizia: «Sinto muito que não

acreditasse no que eu lhe disse; se o tivesse feito ainda estaria no seu paiz, mas agora que fugiu, estou certo de que o perderá. Os brancos, para a guerra, téem fogo, o que v. não tem.

Ora tudo isto fiz sem a minima intenção de fazer mal ao governo, ao Zixaxa ou a pessoa alguma. A minha posição religiosa não me permitte entrar em guerras ou mesmo em politica; alem d'isso este subdito de V. Ex.ª não nasceu para combates. Rogo humildemente a V. Ex.ª que indague quantas armas e polvora recebeu Zixaxa das minhas mãos, como é dito na minha accusação, quem é que os inglezes empregaram para fazer este trabalho, que razão allegam para que eu me sublevasse contra o governo, que queixa tinha eu contra este, que mal me fez, e quando me pagaram por esta obra. Estas accusações carecem de bases, provadas por testemunhas sufficientes.

Suppõe-se, pelo facto de eu ser ministro protestante (apesar de ser portuguez), que odeio os portuguezes. Esta supposição não tem nada que a justifique, visto que a religião protestante não é só para os inglezes, sendo tão universal como a catholica. Ha portuguezes que pertencem a egrejas protestantes. Devo tambem declarar que esta religião não foi para mim questão de preferencia. Recebi-a, é verdade, em terra ingleza, mas onde ella é muito seguida pelos pretos, e n'aquelle tempo eu nada sabia de differenças de religião. Pensei, até, que seria uma honra para o meu governo e um bem para elle, que eu viesse exercer o ministerio christão entre a minha gente, de preferencia a um estrangeiro. O governo poderia ufanar-se da minha obra, dizendo que essa terra tinha sido civilisada e convertida ao Christianismo por um portuguez, visto que eu sou portuguez. Verdade é que o governo nada gastou com a minha obra; mas o valor d'um trabalho reli-

gioso não se calcula pelo dinheiro que custou, mas sim pela sua prosperidade e bons resultados.

O meu fim não tem sido grangear dinheiro, mas sim melhorar o estado do paiz, a favor do governo a que pertencemos, pois sempre entendi que era mais facil governar uma gente civilisada e christã do que os pagãos; e visto que a minha religião não me obrigava a mudar de bandeira, suppunha que não podesse, como de facto não pôde, produzir esse effeito nos membros do meu rebanho; ignoro até que haja religião que tal exija.

Na minha egreja nada fiz em segredo; nada, de certo, que motivasse suspeitas ou que levasse o governo a julgar que eu fosse subdito inglez. Eu entendia que as auctoridades estavam muito nos casos de me dar conselhos sobre a maneira de trabalhar na minha obra especial, e comtanto que me mandassem fazer coisa que não fosse contraria ás minhas convicções, eu teria obedecido da melhor vontade. Porem, em vez d'isto, puzeram-se como de emboscada para me apanhar, e, sem palavra de advertencia ou de conselho para que o meu proceder, caso o julgassem incorrecto, se harmonizasse com as leis e regulamentos, do paiz sou prezo e trazido para aqui como se fosse um malfeitor. Não obstante nunca ter tido a minima força com que podesse fazer resistencia ao governo, sou collocado na cathegoria d'um deus de guerra, e deus da Africa!

Mamatibjana diz que a minha capella não foi damnificada no dia do ataque de Lourenço Marques. D'isso nada sei. O que sei é que os primeiros que lá compareceram depois do ataque acharam o edificio arruinado e tudo roubado, á excepção da mobilia mais pesada, como mezas, bancadas etc.

Diz elle ainda que eu combinei com elle o dia do ataque, escolhendo o mais favoravel para isso, e que, para poupar os inglezes, eu deveria prevenil-os

para que nas suas casas arvorassem a bandeira ingleza! Nada mais facil do que verificar este ponto. Qualquer pessoa que n'esse dia se achasse em Lourenço Marques pode servir de testemunha, mostrando se appareceram bandeiras inglezas.

Tambem diz que está filiado na minha egreja. Nego-o! Quando lhe constou que eu tinha edificado uma capella e que avisara aos membros da egreja de que, no caso de mudarem das suas habitações, seria conveniente que fossem para as proximidades da capella, elle, Mamatibjana, mandou-me logo um pedido no sentido de eu abrir uma escola no seu kraal. Receiava que o povo o deixasse depois da sua conversão, e que viesse todo para ao pé de mim. Tendo uma escola e uma capella no proprio kraal, entendia que assim conservaria a sua gente, por esta não ter motivo para a mudança, e que seria tratado como christão. Para lhe fazer a vontade, mandei-lhe um monitor, alumno da escola. Este demorou-se alli uns tres mezes, mas nada conseguiu fazer. Succedeu que Mamatibjana, que era affeiçoado á caça, sahia todos os dias cedo para esse fim, e na sua ausencia houve um incendio no seu kraal. Os seus medicos feiticeiros valeram se d'este facto para o aconselharem a que se retirasse para mais longe, onde eu não o poderia alcançar, por isso que a causa do incendio fôra a minha religião, que era contraria aos espiritos dos progenitores de Mamatibjana. Em vista d'isso, mandei chamar o monitor.

Depois d'isso, deixei de ter communicações com Mamatibjana. Anteriormente, eu costumava ir conversar com elle sobre assumptos religiosos. Elle respondia sempre que a religião era sem duvida uma coisa muito boa, mas que ao mesmo tempo era má, porque não permittia que os homens casassem com mais que uma mulher, e, peior ainda, tornava os homens em mulheres, por isso que andavam sem

azagaia ou outra arma, e esqueciam as cantigas e danças guerreiras. Eu respondia que essas coisas já eram desnecessarias, visto que os tempos tinham mudado, e que o seu dever agora era mandar homens para o trabalho, quando o governo precisasse d'elles. E mais, que a religião não tornava os homens em mulheres, mas fazia d'elles homens melhores, pois que todo o mundo seria sujeito aos christãos, que o governariam até ao fim. Parece que, por uma confusão de ideias, o Mamatibjana attribuiu ás minhas palavras um sentido inteiramente diverso do verdadeiro. Convenceu-se, emfim, de que eu pretendia governar a terra d'elle no futuro. Comtudo, na minha presença continuou a portar-se como meu bom amigo. Ora estou intimamente convencido de que foi por estas coisas que elle me accusava de traidor do meu paiz, e não por eu o ter mandado jamais fazer guerra ao governo. Tambem deveria augmentar o odio que nutria e nutre contra mim, o simples facto de eu me negar a fazer-lhe o favor que me pediu, de lhe escrever uma carta ás auctoridades inglezas. Se elle quizesse fallar a verdade, confessaria que tudo quanto aqui digo é a pura verdade.

Mamatibjana tem indunas e feiticeiros, que são os que realmente governam e resolvem todos os assumptos. Estes não querem ouvir fallar de religião, tanto que, se algum d'elles se converte ao Christianismo, é logo excluido do conselho, e Mamatibjana não pode fazer nada sem o consentimento d'esses homens.

Esta tribu do Zixaxa é muito guerreira. O avô do Mamatibjana, por nome Hamule, foi mandado para Moçambique, por se querer sublevar contra o governo. Seu filho Zixaxa chegou a fazer guerra ao governo, e agora é seu filho Mamatibjana, seu successor, que segue esta tradição. Ora, quem ensinou aos antecessores d'este a fazerem tal guerra? Certamente que não fui eu, porque n'esse tempo eu ainda

estava na minha terra de Ka Tembe, e era pequenino.

N'estes pormenores tenho sido mais extenso do que o obsolutamente necessario, mas fil-o para tornar bem patente o que se passou entre mim e Mamatibjana, e para mostrar que se alguma coisa fiz ou disse a Mamatibjana, que eu não devesse ter feito ou dito, e que fosse contraria ás leis do paiz, não foi por querer mal ao governo, mas por simples ignorancia das leis e costumes da nação a que pertenço.

Este supplicante lança-se, pois, aos pés de V. Exc.ª, e pede para que o torne a enviar para Lourenço Marques; e quando V. Ex.ª não poder pôl-o em liberdade, roga-lhe que o mande encarcerar em Moçambique, porque antes deseja a prisão alli do que a liberdade aqui. N'estes termos.

P. o supplicante haja por bem deferir-lhe

E. R. M.ce

Ilha do fogo Cabo Verde, 30 de Maio de 1896.

Roberto Ndevu Mashaba.

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Emquanto espero pela resposta do primeiro memorial, appello para a benevolencia de V. Ex.ª para me acceitar outro, sobre o mesmo assumpto.

Sou subdito do governo de V. Ex.ª, e pertenço a uma sociedade religiosa, intitulada Wesleyana (por extenso, Wesleyan Missionary Society), que, sendo composta de homens de tino e sabedoria, não acceita para o seu serviço senão as pessoas que mostram ter bons sentimentos e o verdadeiro espirito missionario. Quando souberam que se tinha manifestado uma tendencia para a guerra em Lourenço Marques, e conhecendo a minha posição melindrosa entre a minha gente, mandaram-me logo avisar que me conservasse extranho a tal movimento.

Uma das primeiras regras da minha egreja estabelece, em obediencia ao preceito apostolico, que se façam supplicas pelos reis e por todos os que estão constituidos em auctoridade. Isto fazia eu todos os domingos a favor das auctoridades que me dominavam.

Não é coisa recente a filiação d'este humilde servo de V. Ex.ª n'aquella boa sociedade, porque teve isso logar no anno de 1876. Desde esse tempo tenho seguido a minha religião com boa consciencia deante de Deus e dos homens, até que, pela graça de Deus, cheguei á posição de ministro, posição que me pertence hoje. Regressei da colonia do Cabo em 1885, não como ministro, porque tencionava evangelisar a minha gente sem salario; pois que, tendo-

me ausentado quando era muito novo, não tinha os conhecimentos devidos do povo e da terra, e tinha escrupulo de onerar a sociedade com o meu salario quando não sabia o que conseguiria fazer. Estando já alli, lembrei-me de que, sendo portuguez, eu não poderia trabalhar acertadamente sem ter conhecimento da lingua official da minha patria, e que, sem essa lingua, o governo não se interessaria na minha obra. Matriculei-me, pois, na escola do Padre Simões, mas a falta de meios impediu-me de continuar alli. Fallei com o padre Simões sobre a possibilidade de eu estabelecer uma escola, ao que elle respondeu que o governo não me pagaria esse trabalho, por eu ainda não saber bem portuguez, e que seria melhor continuar a frequentar a sua escola. A minha necessidade, porém, era grande, e tive de ir em procura de trabalho para o meu sustento.

Os snrs. Joaquim Pereira (agora escrivão da camara) e Antonio M. Silva, que ainda se acham em Lourenço Marques, sabem como me esforcei por tornar as auctoridades scientes de todo o meu proceder.

Em 1888 encetei a obra da minha missão, sem auxilio de ninguem. A missão suissa já estava estabelecida em Lourenço Marques. Desde essa data a minha posição entre a minha gente tornou-se má, mas não me incommodei com isso, entendendo que, emquanto dominasse alli o governo portuguez, não me poderiam fazer mal.

Quando o padre Simões soube que eu tinha principiado esse trabalho, propôz-me que me ligasse a elle, mas sendo a religião catholica uma coisa nova para mim, e estando já eu a sustentar-me com o meu trabalho, não pude annuir. Além d'isso, não me tinha desligado da minha sociedade. Pelos mesmos motivos não acceitei a proposta do Rev. Berthoud, da missão suissa, ainda que tambem protestante.

Continuei com a minha obra até que a minha sociedade se podesse encarregar d'ella.

Se o governo inglez quizesse apoderar-se de Lourenço Marques, havia de enviar-me a mim, e não ás tropas inglezas? E mesmo querendo elle, por medo que tivesse aos portuguezes, usar de subtileza, imaginará alguem que eu seria preferido aos inglezes que, muito mais habeis do que eu, abundam ahi? Dir-se-ha, talvez, que não foi o governo inglez que me assalariou, mas sim algum individuo. Pois é essa pessoa que eu desejo que me apontem, porque quem descobriu que eu era traidor por conta d'alguem, deve tambem saber quem é esse alguem. Ou será toda esta perseguição por eu ser empregado da minha sociedade? Não acredito que o governo do meu paiz se possa deixar enganar ao ponto de attribuir a uma sociedade religiosa intuitos guerreiros, e de suppôr que ella podesse assalariar um homem para tal fim. Não só a minha sociedade, mas nenhuma das que professam a religião christã, parece-me, pode ter interesse em fomentar uma guerra; isso pode caber aos mahometanos.

Quanto ao ensino da lingua portugueza, apesar dos meus poucos conhecimentos, não descurei do ramo, e estou convencido de que era a lingua mais importante para a minha escola.

Ora em tudo isto que deixo dito, que prova se pode achar, ou que indicação, por mais leve que seja, de que eu queria prejudicar a nação a que pertenço, ou que tivesse intenção de fazel-o, favorecendo os inglezes?

Será porque aprendi a lingua ingleza? De certo que não, visto que muitos portuguezes, até mesmo em Portugal, a estudam. Será porque sou ministro protestante? Tambem não, porque o protestantismo não se limita ao anglicanismo, e o iniciador do protestantismo foi um allemão; e o proprio catholicismo

não é synonimo da nacionalidade portugueza. Será porque sou preto? Se isso é culpa, não é minha, mas sim do meu Creador. Ou será porque não quiz trabalhar de combinação com o padre Simões? Por certo que não! porque a todo o homem é permittido ser fiel á sua religião, emquanto não fôr convencido da superioridade de outra. Por que motivo, pois, acham as auctoridades impossivel admittir a ideia de que Mamatibjana me encare como inimigo, e me accuse injustamente para se vingar de mim? Supplico a V. Ex.ª que não se enfade com as minhas perguntas, que faço em justa defeza. Porque se ha de attribuir mais valor ás palavras do Mamatibjana que ás minhas? Será elle mais digno de credito do que eu? Se elle quizesse dizer a verdade, teria confessado que foi o Gungunhana quem o incitou a fazer guerra a Portugal. Será crime da minha parte o ter ido ao kraal do Mamatibjana quando me mandou chamar, e ter recusado escrever uma carta ás auctoridades inglezas? Ou sel-o-ha por lhe ter escripto depois mostrando-lhe que se tivesse escutado os meus conselhos, ainda estaria na sua terra? Se tudo isto foi uma incitação para a guerra, é singular a accusação que me levantam, sendo certo que nada mais fiz com relação á sublevação alludida. Quanto ás informações sobre o que se passava em Lourenço Marques, estavam ao alcance de todos, por isso que o caminho de Matolo estava franco para quem quizesse percorrel-o; e é certo que muitas pessoas foram á terra inimiga para trazer de lá os seus parentes que tinham passado para Mamatibjana ou que estavam alli desde antes da guerra. E de todos sou eu o escolhido para ser accusado de espião?

Este infeliz subdito de V. Ex.ª foi ensinado a obedecer aos seus superiores e a tratar bem a todos, fazendo-lhes os beneficios que podesse. E entendia eu, na minha boa fé, que tinha sido obediente a este

preceito durante toda a minha vida. Além d'isso, tenho deante de mim o temor de Deus.

Rogo, pois, a V. Ex.ª que examine bem o meu caso e verá que estou soffrendo uma vingança de Mamatibjana, ou de alguem em Lourenço Marques, que aborrece a minha obra de evangelisação, e não por ser traidor á minha patria.

Eu bem sei que as auctoridades téem sempre uma tarefa espinhosa, mórmente em tempo de guerra como o que vamos atravessando, e que, sujeitos ao erro como os demais entes humanos, podem enganar-se, mesmo sem querer. No meu caso, foi isto precisamente o que succedeu, sendo o governo levado a castigar me apenas sob a palavra de Mamatibjana, que de modo algum era sufficiente para tanto; a não ser que fosse para mostrar o poder das auctoridades, poder que nunca deixei de respeitar. Nunca tive motivo de queixa até agora, trabalhando, e desejando continuar a trabalhar a bem do meu paiz e do governo, e sem pôr mira em interesses mundanos, que nunca ambicionei.

Em vista de tudo isto, lanço-me aos pés de V. Ex.ª, supplicando que me absolva e restitua á minha patria, ou, quando isto não seja possivel, que me mande para a cadeia de Moçambique, como pedi anteriormente. N'estes termos o supplicante

P. que haja por bem deferir-lhe

E. R. M.ce

Ilha do Fogo, 30 de julho de 1896.

Roberto Ndevu Mashaba.